

# “Expatriados dentro da própria pátria”

## A migração nordestina para a Amazônia

Isabel Cristina Martins Guillen\*

Euclides da Cunha, quando se referia aos sertanejos, que observou em luta contra as tropas do governo em Canudos, afirmava que eram antes de tudo fortes, mas também “expatriados dentro da própria pátria”. Referia-se não só ao seu próprio estranhamento diante daquele outro homem, tão diferente do civilizado do litoral, mas também ao secular processo de exclusão social dos homens livres pobres por todo o interior do país, não só dos processos de decisão política, mas também da exclusão à terra, ao trabalho que garante a mais elementar sobrevivência, à condição de cidadão.

Até meados da década de setenta do século XIX, quando as secas assolavam o sertão, os problemas eram resolvidos de modo tradicional: abandonava-se a terra gretada em busca de outras mais férteis, ou buscava-se o abrigo de algum poderoso proprietário rural que, de acordo com as regras paternalistas, abrigava os retirantes em tempos difíceis, em troca de favores no futuro. No entanto, a seca de 1877-1878 foi diferente, não por ter sido muito pior do que suas antecessoras, mas porque as relações econômico-sociais então dominantes no sertão estavam em mudança.

Grandes plantações de algodão, alimentadas pelos preços altos no mercado internacional, ocupavam as terras antes dedicadas à agricultura de sobrevivência, valorizando-as monetariamente, retirando-as da ocupação desses homens livres e pobres. Até mesmo os proprietários não podiam mais dar abrigo nos moldes antigos, pois se encontravam também em ruína. A miséria e a fome campearam pelo sertão, levando milhares de camponeses a buscar ajuda nas grandes cidades do litoral nordestino.

É nesse sentido que a seca de 1877-1878 se constitui num momento de inflexão, não só na forma como tradicionalmente se encontravam soluções para os seus problemas, mas principalmente por tornar visível, para todo o país, a miséria em que viviam os homens no sertão. Fotografias, estes grandes ícones da modernização que se assistiu no século XIX, mostravam os retirantes da seca nas páginas de *O Bezouro*, revista ilustrada que circulava no Rio de Janeiro. Essas fotografias provocaram verdadeira comoção nacional, exacerbando o espírito de caridade entre as senhoras da elite que rapidamente organizaram campanhas para ajudar os “irmãos do Norte” (Andrade; Logatto, 1994).

### A MIGRAÇÃO COMO DESTINO

Em Fortaleza, a miséria não estava restrita às imagens fotográficas. Os retirantes ocuparam as ruas da cidade, fazendo crescer a mendicância, os roubos e assassinatos, bem como a prostituição. O espetáculo da pobreza também se impôs à elite de outras capitais da região, como Recife, provocando o medo, exigindo que as autoridades governamentais tomassem medidas para solucionar o problema, preferencialmente retirando das cidades que buscavam se modernizar, e das vistas das elites que europeizavam, cenas tão degradantes (Greenfield, 1989).

Duas soluções foram encontradas e tinham em comum a retirada dos migrantes do espaço cidadão. Buscava-se, em primeiro lugar, confiná-los a lugares adequados onde pudessem ser melhor controlados e, para tal, foram construídos os campos de concentração, a exemplo do de Alagadiço, construído em Fortaleza durante a seca de

1915. Em sequência, a migração era posta como a grande saída para a crise, opção que se colocava no horizonte dos flagelados, desde a seca de 1877-79.

A migração aparece como um “destino”, uma consequência da seca, quando na verdade foi uma solução encontrada para os graves problemas sociais da região Nordeste, que se agravaram nas primeiras décadas do século XX. O historiador Frederico de Castro Neves observa que até o vocábulo para se referir aos retirantes muda a partir de 1915, quando começa a se empregar o termo “flagelados”, a indicar não a opção de quem muda de lugar, mas a situação de vítimas de um flagelo, algo exterior a todos sem distinção, pertencente ao domínio do imponderável (Neves, 1995, p.105).

Com a seca de 1915 o caráter de “refugiado” atribuído ao migrante se consolida com a criação de campos de concentração para abrigar os retirantes da seca. Tais campos tinham por finalidade não só afastar os migrantes das ruas das cidades, mas também assisti-los e discipliná-los, encaminhando-os para alguma atividade produtiva, nas frentes de trabalho que se organizavam pelo interior, ou conduzindo-os para a migração.

A migração foi incentivada através de medidas governamentais, dentre as quais destacava-se a distribuição de passagens gratuitas para que os migrantes se dirigissem principalmente para a Amazônia. Desde então, a migração aparece como destino manifesto do trabalhador nordestino.<sup>1</sup> Todas as vezes em que os flagelados ameaçavam invadir as cidades, durante os períodos de seca, lá vinham os programas de distribuição gratuita de passagens para a Amazônia. Esta foi uma prática que per-

durou até a Segunda Guerra Mundial, e é principalmente sobre esse período que vamos nos debruçar.

## A AMAZÔNIA: REFÚGIO PARA OS RETIRANTES

Concomitante às mudanças que ocorriam na região Nordeste e que foram as responsáveis pelo incremento dos movimentos migratórios desde o final dos anos setenta do século XIX, na Amazônia assistia-se à corrida pela floresta em busca de seringais. À medida em que os preços da borracha aumentavam no mercado internacional e crescia a demanda pelo "ouro negro", havia a necessidade de aumentar a extração do látex. Nas condições em que se processava a extração, isto só era possível pela incorporação de novas áreas produtivas, o que requeria aumento da mão-de-obra empregada.

Assiste-se a um palmilhar da floresta em busca de novas áreas produtivas, e novos seringais foram sendo incorporados, principalmente nos altos rios, afluentes do Solimões, território que viria a se tornar o Acre, conquistado palmo a palmo pelos migrantes cearenses. Ao se referir ao fenômeno do povoamento do Acre, no livro *À margem da história*, publicado postumamente em 1909, Euclides da Cunha desnuda as artimanhas do poder ao expatriar seus próprios cidadãos.

*"O povoamento do Acre (...) tem um reverso tormentoso que ninguém ignora: as secas periódicas dos nossos sertões do Norte, ocasionando o êxodo em massa das multidões flageladas. (...) Quando as grandes secas de 1879-1880, 1889-1890, 1900-1901 flamejavam sobre os sertões adustos e as cidades do litoral se enchiam em poucas semanas de uma população adventícia, de famintos assombrosos, devorados das febres e das bexigas - a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia em libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se às carreiras, os vapores, com aqueles fardos agitantes consignados à morte. Mandavam-nos para a Amazônia - vastíssima, despovoada, quase ignota - o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pá-*

*tria. A multidão martirizada, perdidos todos os direitos, rotos os laços da família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido; e ia, com os seus famintos, os seus febrentos e os seus variolosos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo. Mas, feita a tarefa expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até os nossos dias, a acompanhou um só agente oficial, ou um médico. Os banidos levaram a missão dolorosíssima e única de desaparecerem... E não desapareceram (Cunha, 1994, pp.56-57).*

Foi assim em todos os anos de seca até a Primeira Guerra Mundial: montavam-se campos onde eram concentrados os retirantes e imediatamente começava-se a distribuição gratuita de passagens para a Amazônia. Encaminhados preferencialmente para os seringais, os migrantes teriam que enfrentar muitas dificuldades para se adaptar à vida na floresta. Nos seringais imperava o sistema de escravidão por dívida - o aviamento - e o migrante tão logo chegava constatava que estava completamente endividado com o patrão, pois tinha que pagar as despesas efetuadas com a viagem até o seringal, acrescidas às demais despesas que faria no barracão com suprimentos e instrumentos de trabalho, dívida esta que só aumentaria com o correr dos anos. Mesmo que fosse um excelente trabalhador, produzisse muita borracha e não tivesse dívidas, mesmo assim dificilmente conseguiria se ver a salvo da malária ou do beribéri, outro problema que assombrava seringueiros.

Nas páginas escritas por Euclides sobre os seringais predomina a imagem do inferno verde, inferno que consome as vidas desses migrantes. As observações de Euclides acerca do trabalho desses migrantes - compara-os a Sísifo e os define como construtores de ruínas - foram de tal monta que perpassam o trabalho de muitos cientistas sociais. Ao avaliar a história desse período para o desenvolvimento do Brasil, Celso Furtado concluiu que aquela experiência significou um enorme "desgaste humano", consumindo vidas como se fossem desnecessárias para o de-

envolvimento do país.

Mas se a imagem de inferno se sobrepusesse a de terra da promessa, como entender o fato de que reiteradamente era para a Amazônia que os retirantes escolhiam ir? A Amazônia era recoberta por imagens ambivalentes, que oscilavam entre o inferno verde e o paraíso perdido. Era também a terra da promessa, onde os migrantes enxergavam oportunidades de rápido enriquecimento - esperanças de liberdade, de refazer a vida em bases mais seguras das que estavam acostumados no sertão nordestino. Ainda hoje ouvimos histórias dos homens que enriqueceram tão rapidamente que acendiam charutos com notas de alto valor. Também circulavam pelo interior do Nordeste os **paroaras**, aqueles migrantes que retornavam ao sertão muito ricos, arregimentando para os seringais novos trabalhadores que se deixassem seduzir pelas conversas, pelas histórias de riqueza, luxo e ostentação que imperavam na sociedade do látex. Desse modo, a Amazônia se firma no imaginário social do sertanejo nordestino como um refúgio para sua miséria, como alternativa para a pobreza cotidiana, tal qual São Paulo virá a se constituir dos anos trinta em diante.

O que nos interessa, nesta história, é que a Amazônia, e posteriormente São Paulo, foram sendo gestadas como espaços de refúgio para o retirante nordestino atingido pela seca e pela miséria. Terra que acolhe os refugiados da seca, tangidos de sua terra por uma calamidade natural. À medida em que se naturaliza a migração, como decorrência da seca, firma-se a noção de refúgio para os locais para onde se dirige o migrante, ocultando que a migração, esse grande movimento de expatriação, nada mais é do que a preservação de um *status quo* no Nordeste, ao mesmo tempo em que oculta que no outro polo processa-se um grande "desgaste humano" do desenvolvimento regional desigual. Na verdade, a migração aparece como indicador dessa desigualdade, como que a consubstanciar o destino manifesto.

A migração para os seringais foi sempre crescente até o final da Primeira Guerra Mundial, quando a economia extrativa entra em crise devido à derrocada dos preços na Europa. Na grande seca de 1915 os

migrantes foram encaminhados, em parte para São Paulo, enquanto outra parcela se dirigia à Amazônia, não mais para os seringais, mas em busca de novas terras nas colônias agrícolas na região da estrada-de-ferro Bragantina. Na década de 30 a migração para São Paulo se avoluma, e os poucos migrantes nordestinos que se dirigem à Amazônia o fazem em busca de terras para a agricultura.

Mas ainda muitas histórias teriam que circular pelos rios antes que a imagem da Amazônia como lugar de desterro - e não só dos presos políticos - pudesse ser apagada da memória. O movimento migratório ocorrido durante a Segunda Guerra mundial, conhecido como a Batalha da Borracha, traria novas contribuições para avivar essas imagens.

### **A SECA DE 1942**

Com a crise da borracha, os cearenses deixaram de se dirigir massivamente para a Amazônia. Parecia que aquelas velhas práticas ficariam esquecidas no passado - e seriam tão somente lembradas como casos curiosos a se contar para passar o tempo.

Corria o ano de 1942 e, mais uma vez, os habitantes da cidade de Fortaleza viam os retirantes que chegavam do sertão assolado pela seca perambulando pelas ruas em busca de refúgio. Assim, como de outras vezes, as autoridades trataram de improvisar acampamentos, campanhas de vacinação e outras medidas sanitárias para evitar o contágio das doenças e da miséria que traziam. O que se percebe, ao ler as notícias nos jornais daquele ano de 1942, é uma crescente indiferença para com os problemas dos sertanejos vítimas da seca, ao mesmo tempo em que se insistia para que as autoridades resolvessem os problemas lá pelo sertão, não permitindo que a cidade fosse perturbada pelos migrantes. Em suma, retirar das vistas dos cidadãos a exclusão social daqueles homens, que não eram de nenhum modo tratados como cidadãos que merecessem a atenção de políticas públicas.

Nas páginas do jornal, *O Povo*, durante o mês de março de 1942, o leitor comprovava o que seus olhos já percebiam: que Fortaleza começava a ser invadida por re-

tirantes. Alguns dias depois talvez tenha ficado alarmado com a notícia, veiculada em 16 de maio, que cem mil trabalhadores rurais estavam sem trabalho pelo sertão. E assim prosseguiram as notícias por todo o ano. Em outubro, o albergue do Alagadiço abrigava mais de dois mil flagelados, e outros 500 encontravam-se matriculados no ambulatório da Cruz Vermelha com problemas de saúde. Ficamos também sabendo que, desses, todos os dias, pelo menos um morria.

Ao mesmo tempo, o governo federal colocava no circuito a distribuição de passagens gratuitas para a Amazônia. Em julho, oitocentos já tinham seguido para o Norte. E foram distribuídas mais de duas mil passagens, principalmente para Belém, onde os trabalhadores eram dirigidos às colônias agrícolas da região Bragantina.

Adentramos o ano de 1943, e no dia 26 de maio encontramos a notícia de que o acampamento do Alagadiço continuava cheio. "Muitos continuavam a chegar e a procurar passagem para o Amazonas, persuadidos de que o verão (e a seca) prosseguiria implacável. Atestando isso, viam-se do lado de fora do grande campo da hospedaria, todo ele cercado oito fios de arame farpado, inúmeros ranchos de emigrantes recentemente vindos do interior, abrigados sob frondes de quintais vizinhos, à espera de alojamento oficial".

Isto porque o governo federal não só distribuía passagens como também incentivava os trabalhadores, pelo sertão, a migrarem para a Amazônia, para trabalhar nos seringais, produzir borracha e contribuir, com seu trabalho, para a vitória dos aliados. Ir para os seringais da Amazônia se transformava num ato de patriotismo.

### **A BATALHA DA BORRACHA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Organizada como uma campanha nacional, a Batalha da Borracha foi o resultado de uma série de acordos firmados com os Estados Unidos (acordos de Washington) que objetivavam aumentar a produção de matérias-primas estratégicas para a guerra, dentre as quais se destacava a borracha. Desenvolvida como uma campanha

cívica, apregoava-se que todos deviam se concentrar no esforço de guerra, pois objetivava-se mobilizar a sociedade brasileira para enfrentar o conflito (Guillen, 1999).

Pensava-se poder incrementar a produção de borracha em até cem mil toneladas por ano, pretensão que logo se percebeu impossível de ser concretizada, devido principalmente ao pouco interesse dos seringalistas (donos dos seringais) em abrir mão de seu controle sobre o sistema extrativista. Mas, os recursos financeiros dispostos pelos Estados Unidos para a campanha da borracha visavam principalmente a aumentar a produção de uma forma extensiva, reincorporando os seringais abandonados desde o final do "boom" da borracha. Para tanto era necessário aumentar a mão-de-obra, via migração.<sup>2</sup> Montou-se pelo Nordeste e pela Amazônia uma rede de arregimentação de trabalhadores que se dispunham a ir para os seringais, com a construção de hospedarias com serviços médicos; a montagem, na Amazônia, de um sistema de abastecimento (papel que coube à Rubber Development Corporation, pela facilidade de importação dos Estados Unidos); e uma rede de transporte para levar os nordestinos migrantes para os seringais. Além desse aparato, elaborou-se uma propaganda em que se prometia ao migrante amparo do Estado, através da assinatura de um contrato de trabalho que em linhas gerais atacava o sistema de aviação, responsável pela escravidão do seringueiro ao barracão; auxílio monetário para a família que ficava, além de não ter despesas com a viagem.

Respondendo aos apelos da propaganda, aos incentivos governamentais e em decorrência da seca de 1942, cerca de 50 mil trabalhadores nordestinos se dispuseram (ou foram dispostos) a enfrentar a batalha da produção e se dirigiram para a Amazônia, confiantes que conseguiriam refazer suas vidas já que, além de arcar com os custos financeiros da viagem para a Amazônia, o Estado Novo prometia encetar novos planos de colonização da região. Os nordestinos que para a Amazônia migrassem seriam os "soldados do trabalho", ou os "soldados da borracha", contribuindo para a conquista e ocupação de uma gran-

de região esquecida pelos poderes públicos, incorporando-a definitivamente ao corpo da Nação. Os "soldados do trabalho" seriam os novos bandeirantes.

Segundo Lenharo, "a razão da fome, da seca, do sofrimento cede lugar à dimensão mítica de uma participação que se torna impositiva, em face do curso de uma tradição que converte a migração e a conquista numa obrigação patriótica a ser sempre reposta. (...) Da seca à conquista, o discurso esvazia o primeiro pólo, pelo qual deveria dar conta de suas responsabilidades e acentua o outro, o da participação obrigatória, miticamente formulada, a impulsionar o trabalhador, somente pelo trabalho, a tomar o seu lugar, intocável, de edificar do corpo do país" (Lenharo, 1985).

O SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de trabalhadores para a Amazônia), com recursos financiados pela Rubber, organizou postos que arregimentavam trabalhadores por todo interior do Nordeste, com médicos para selecionar os aptos ao trabalho, alimentação e transporte gratuitos para os pontos de embarque para a Amazônia.<sup>3</sup> As pequenas cidades e povoados do Nordeste foram percorridas por recrutadores que reforçaram a propaganda. Os prefeitos recebiam orientação para cooperar nessa "ação patriótica", e as cidades que recrutavam grande número de "soldados" recebiam destaque na imprensa.<sup>4</sup>

As primeiras reclamações, no entanto, apareceram ainda no Nordeste. Prometia-se ao migrante que receberia, além do equipamento de viagem, o pagamento de uma diária, o que não ocorria para todos. A desilusão firmava-se, portanto, logo no início da viagem, confrontando-se a propaganda com as práticas. Evródio Irineu de Farias, seringueiro entrevistado por Costa Sobrinho no Acre, afirmou que "a coisa começou a dar com os burros n'água desde o início. A travessia foi uma merda, pois a comida e o alojamento eram piores do que o meu barraco." O acampamento onde ficou alojado em Belém pareceu-lhe "um campo de concentração, tudo era proibido."<sup>5</sup> O excessivo rigor no controle dos trabalhadores confinados nos pousos, aliado às condições precárias em que nesses acampamentos se vivia, bem como a morosidade no transporte para os seringais,

fazia com que os ânimos se acirrassem com bastante frequência.

Em Belém, além das constantes notícias de brigas e desavenças provocadas pelos migrantes, ocorreram alguns motins, segundo vários relatos dados à Comissão parlamentar de Inquérito sobre a Batalha da Borracha, em 1946. Em uma dessas rebeliões, houve a necessidade de intervenção da polícia, o que resultou na morte de dois ou três migrantes, e de um policial ferido.<sup>6</sup> É evidente que muitas dessas brigas ocorridas nos acampamentos deviam-se a desavenças entre os próprios migrantes, mas não se pode descartar que outras tantas foram provocadas pelas condições precárias dessas hospedarias improvisadas. Pode-se inferir que as reclamações dos migrantes, quando resultavam em brigas com funcionários do SEMTA ou do Departamento Nacional de Imigração, eram tratadas como casos de polícia.<sup>7</sup> Foram os trabalhadores proibidos de sair dos pousos, para se assegurar que não desertassem. Em Manaus, a situação aflitiva dos pousos fez com que os dirigentes das instituições permitissem aos migrantes que saíssem para poderem arrumar emprego e comerem melhor.<sup>8</sup>

Num depoimento colhido por Pedro Martinello, o seringueiro Antonio Madeira de Matos corrobora a ligação entre a alimentação e a condição de saúde precária que grassava nos pousos:

*No pouso de Tapanã (Belém) adoeci logo que cheguei devido à péssima alimentação e fui obrigado a baixar à enfermaria onde se encontravam vários companheiros de desdita. As crises que sofria no estômago, forçaram-me a gritar de dores... Em Manaus fomos bem recebidos... mas a comida era péssima a ponto de provocar diarreia nos "soldados da borracha". Crianças morriam muitas (Martinello, 1988, p.246).*

O que importa para nossa discussão é que, mesmo apregoando que esses migrantes estariam acobertados por direitos trabalhistas, e que estavam realizando um trabalho patriótico, mais uma vez não eram tratados como cidadãos. Interessava-se unicamente na sua capacidade de trabalhar os seringais e de produzir borracha. O resto, aparece como conversa para, neste caso, americano ver.

## RESSUSCITADOS

Após o final da Segunda Guerra Mundial, avaliando-se os acontecimentos passados, a Batalha da Borracha foi considerada um fracasso, não só por pouco ter acrescido à produção amazônica de borracha, mas principalmente pelos sacrifícios impostos aos migrantes nordestinos. Se era um serviço de guerra, se os migrantes em sua maioria foram recrutados como soldados da produção, como se justificar seu abandono nos seringais, terminada a guerra?

Em 1946, repetiam-se pelas ruas de Belém cenas de migrantes perambulando pelas ruas da cidade, em busca de auxílio para retornarem ao seu torrão natal. Cenas iguais foram descritas para o período áureo da produção da borracha:

*Ressuscitados seria de certo a melhor denominação genérica a dar aos seringueiros devolvidos pela floresta às plagas originárias desses heróis anônimos. Sepultados em vida nas catacumbas silvestres da mata, ou melhor, talvez, na imensa vala comum verde, maior que os abismos, lembrando por ventura o mar na vastidão - só por um milagre de ressurretos, voltam os palmilhadores da hiléia aos núcleos civilizados onde nasceram (Morais, s/d, p. 24).*

Ao finalizar a Batalha da Borracha, os migrantes que retornavam dos seringais chocavam a opinião pública das cidades amazônicas, de Rio Branco, a Manaus e Belém. No início de 1946, vários jornais dos Diários Associados reproduziram a reportagem de David Nasser e Jean Manzon, publicada n'*O Cruzeiro*, perguntando pelos migrantes e denunciando seu abandono.<sup>9</sup> Onde estavam os cinquenta mil enviados para os seringais? A pergunta ressoava em vários pontos do país, diante dos migrantes que baixavam dos seringais, como ressuscitados.<sup>10</sup>

Em Belém, cerca de 3.000 tinham retornado e encontravam-se na hospedaria de Tapanã, esperando que o governo providenciasse passagem de volta ao Nordeste.<sup>11</sup> Dentre esses migrantes encontrava-se Sérgio dos Santos Araújo, que se dirigiu à redação de *A Vanguarda*, na esperança de conseguir a tão prometida passagem para o Nordeste. Informava o jor-

nal que Sérgio, baiano de Joazeiro, tinha sido arrematado em 1944, encaminhado para os seringais do Abunã, onde trabalhara como seringueiro até ficar doente, quando retornou a Belém. Como não conseguira passagens pelo SAVA, apelava para o interventor, por intermédio do jornal, pelo menos passagens até o Ceará, onde tinha uns parentes.<sup>12</sup>

A presença desses ressuscitados nas cidades e nas hospedarias, estava muito além da capacidade de reembarque do Serviço de Abastecimento do Vale Amazônico (SAVA) e do próprio DNI, que determinou que só voltariam ao Nordeste incapacitados, devendo os que ainda tinham saúde ser encaminhados ao trabalho na agricultura. Nesse sentido, todos os que pleiteavam passagens para o Nordeste deviam passar por inspeção médica.<sup>13</sup> Enquanto se formavam "ligas" para assistir aos migrantes que desejavam retornar, a imprensa paraense afirmava:

*Ninguém mais duvida que legiões de trabalhadores do Ceará estão passando a mais negra miséria na Amazônia, completamente abandonados e na iminência de sucumbirem, uma vez que falharam todas as fantásticas promessas da SEMTA e da CAETA.*<sup>14</sup>

Essas discussões provocaram a convocação de uma comissão Parlamentar de Inquérito da Assembléia Constituinte. Foram ouvidos vários depoimentos, não só para apurar possíveis responsabilidades, mas também até para se saber quantos seriam os migrantes que tinham sido alocados nos seringais. Por esses depoimentos ficamos sabendo que muitas autoridades sabiam das condições precárias do encaminhamento dos migrantes para os seringais, mas justificavam-se com o velho argumento de que estavam em tempo de guerra. O ministro João Aberto declarou:

*O nosso desejo era transportar os trabalhadores com o mínimo de sacrifícios. No momento de uma guerra, ninguém vai perguntar quem foi o responsável pela derrota do exército inglês na África. O importante é vencer. Se, no momento atual fôssemos tomar medidas apressadas, impondamos sacrifícios aos homens nordestinos seria uma crueldade, mas naquela ocasião era preciso obter a borracha a qualquer preço, de qualquer maneira. A guerra o*

*exigia, era a nossa cooperação.*<sup>15</sup>

Ao término de seus trabalhos, a CPI não apontava saída, ou recursos, para os soldados da borracha. Apesar de reconhecer que os migrantes e suas famílias faziam jus a "um plano geral de assistência social e econômica", enviava seu relatório final para que a Câmara dos Deputados promovesse as medidas legislativas julgadas necessárias, o que nunca ocorreu.<sup>16</sup> E na selva eles permaneceram, pois os membros da CPI estavam mais preocupados em utilizar os acontecimentos como munição política contra os adversários do momento. Esgotado o calor do debate, que interesse esses migrantes poderiam suscitar? Em que eles eram diferentes daqueles que subiram primeiramente os rios para conquistar o Acre, e foram esquecidos? Constatava-se mais um tipo, na história nacional, a figurar no rol dos heróis anônimos: os soldados da borracha.

\* *Isabel Guillen é Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco, Recife/PE.*

## NOTAS

1 - O Nordeste não pode ser entendido como um dado natural, pois trata-se de uma "invenção". O Nordeste, e o nordestino, tal como é hoje referido, só adquire uma existência discursiva a partir das décadas de 20 e 30, atrelado ao discurso regionalista. Até então, não existiam nordestinos, mas cearenses, paraibanos, pernambucanos, etc. (Albuquerque Jr., 1999).

2 - Os Estados Unidos, que tiveram participação ativa na Batalha da Borracha, não só forneciam recursos financeiros, mas montaram e participaram de uma série de organizações destinadas a sustentar a campanha, como o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) e a Rubber Development Corporation (RDC) (Corrêa, 1967).

3 - O SEMTA foi dirigido por Paulo de Assis Ribeiro, e seu arquivo particular encontra-se no Arquivo Nacional. Nele encontramos as normas de arrematamento dos trabalhadores, além de folhetos de propaganda política, relatórios de nutricionistas sobre as dificuldades de se conseguir manter uma boa alimentação nos postos de recrutamento, normas de como proceder os exames médicos, discriminando as doenças que tornavam um trabalhador inapto, ou apenas incapacitado temporariamente, e também modelos de fichas do SEMTA para serem preenchidas com dados do trabalhador, sua família e dependentes.

4 - Circular do interventor do Ceará Menezes Pimentel às prefeituras, in: *O Povo*, Fortaleza, 13.05.1943; Mossoró já contribuiu com mais de mil trabalhadores para a Amazônia. Extraordinária atividade do SEMTA. in: *O Povo*, Fortaleza, 06.04.1943.

5 - Evródio Irineu de Farias, cearense, foi para o Acre em 1943 e faleceu em 1989, tendo sido entrevistado por Costa Sobrinho, 1992, p.77. Aqueles que provocavam "arruaças" eram considerados indesejados e apresentados à polícia da cidade. Ver: *O Estado do Pará*, 06.05.1943.

6 - Depoimento de Péricles de Carvalho publicado no

*Diário da Assembléia*, nº 4214, de 20 de agosto de 1946.

7 - Depoimento de Ezequiel Burgos publicado no *Diário da Assembléia*, nº 4282 de 23 de agosto de 1946.

8 - Segundo nos relata Estanislau Siqueira, entrevistado por Costa Sobrinho, 1992, p. 79.

9 - Ver: *A Vanguarda*, Belém, 13.02.1946.

10 - Pedro Martinello reproduz alguns artigos veiculados em jornais no Brasil e mesmo nos Estados Unidos, interrogando-se sobre a responsabilidade do governo norte-americano em recambiar os migrantes para o Nordeste (Martinello, 1988, p. 318 e *passim*).

11 - Mello, 1956, p.94.

12 - *A Vanguarda*, Belém, 06.07.1946; 19.07.1946.

13 - *A Vanguarda*, Belém, 05.06.1946.

14 - *A Vanguarda*, Belém, 19.07.1946.

15 - Ata do 4o. Seminário de Estudos Geográficos, realizado em 19 de julho de 1946, na sede do Conselho Nacional de Geografia. *Boletim Geográfico*, v.IV, nº 43, p.861-868, outubro de 1946, citação p. 863.

16 - Campanha da Borracha. Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito. *Boletim Geográfico*, v.IV, nº 45, p. 1135-1139, dezembro de 1946.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Munis de  
(1999) *A Invenção do Nordeste*. São Paulo, Cortez; Recife, Editora Massangana.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de e LOGATTO, Rosângela  
(1994) *Imagens da seca de 1877-78 no Ceará. Anais da Biblioteca Nacional*, nº 114, pp.71-83.
- CORRÊA, Luiz de Miranda  
(1967) *A borracha na Amazônia e a II Guerra Mundial*. Manaus, Edições Governo do Estado do Amazonas.
- COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente  
(1992) *Capital e Trabalho na Amazônia Ocidental. Contribuição à história social e das lutas sindicais no Acre*. São Paulo, Cortez; Rio Branco, Universidade Federal do Acre.
- CUNHA, Euclides da  
(1994) *Um paraíso perdido*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- GREENFIELD, Gerald Michael  
(1989) "O comportamento dos migrantes e as atitudes das elites durante a seca do Nordeste: 1877-1879". *Cadernos de Estudos Sociais*, vol.5, nº 2, pp. 219-240.
- GUILLEN, Isabel C. M.  
(1999) *Errantes da Selva. Histórias de migrantes nordestinos na Amazônia*. Campinas, Tese de doutorado em História IFCH-UNICAMP.
- LENHARO, Alcir  
(1985) *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro Oeste*. Campinas, Ed. Unicamp.
- MARTINELLO, Pedro  
(1988) *A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o vale amazônico*. Rio Branco, Universidade Federal do Acre.
- MELLO, Alcino Teixeira de  
(1956) *Nordestinos na Amazônia*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Imigração e Colonização.
- MORAIS, Raimundo  
(s/d) *Ressuscitados*. São Paulo, Melhoramentos.
- NEVES, Frederico de Castro  
(1995) "Curral dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará". *Revista Brasileira de História*, vol. 15, nº29, pp.93-122.